



# TRÊS CARTAS SOBRE OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER<sup>1</sup> por Wilhelm von Humboldt

Renato Costa Leandro<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo

---

<sup>1</sup> O pesquisador agradece a Jutta Eckle e Marco Aurélio Werle pelas sugestões e apontamentos que contribuíram para o aprimoramento da tradução. Trabalho desenvolvido com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2023/00880-2.

<sup>2</sup> Mestrando em Estética e Filosofia da Arte no Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, graduado em Filosofia pela EFLCH-UNIFESP e pesquisador visitante no Goethe- und Schiller-Archiv.

E-mail: [renatoleandro@usp.br](mailto:renatoleandro@usp.br).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1454502688945177>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1284-1045>.



**RESUMO:** Wilhelm von Humboldt foi um dos poucos interlocutores de Goethe a se ocupar com a crítica do romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-96) antes de sua publicação. A pedido do próprio autor e ao lado de Schiller, Humboldt teceu comentários a partir dos manuscritos durante o período de composição e publicação da obra, cujos apontamentos além de possivelmente terem exercido influência sobre a escrita de Goethe, também exibem sua interpretação da narrativa, paradigmática na tradição crítica do romance. A presente tradução, precedida de estudo introdutório, reúne as três cartas mais significativas escritas por Humboldt acerca do *Meister*, nas quais, por um lado, o crítico examina temas específicos do romance e, por outro, busca compreender seu sentido como um todo, sobretudo ao refletir sobre a noção de “anos de aprendizado”.

**Palavras-chave:** Wilhelm von Humboldt. Wilhelm Meister. Estética. Romance. Bildung.

**ABSTRACT:** Wilhelm von Humboldt was one of Goethe's few interlocutors to criticise the novel *Wilhelm Meister's Apprenticeship* (1795-96) before it was published. At the author's request and alongside Schiller, Humboldt made critical comments on the manuscripts during the period of the work's composition and publication, whose remarks not only possibly influenced Goethe's writing, but also show his interpretation of the narrative, a paradigm in the novel's critical tradition. This translation, preceded by an introductory study, brings together the three most significant letters written by Humboldt about the *Meister*, in which, on the one hand, the critic examines specific themes of the novel and, on the other, seeks to understand its meaning as a whole, above all by reflecting on the notion of “years of apprenticeship”.

**Keywords:** Wilhelm von Humboldt. Wilhelm Meister. Aesthetics. Novel. Bildung.

## [Apresentação]

### WILHELM VON HUMBOLDT E O *MEISTER* DE GOETHE

Pouco se sabe que Wilhelm von Humboldt (1767-1835) participou ativamente da crítica do romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (*Wilhelm Meisters Lehrjahre*), de Goethe, durante o período mais decisivo de seu processo de composição e publicação, entre os anos de 1795 e 1796. Sua presença na feitura da obra, é verdade, foi menos intensa e pormenorizada que a do amigo Schiller, a quem Goethe solicitou ajuda para dar “nova vida a composição” por meio de comentários e observações a partir dos manuscritos.<sup>3</sup> Esse fato, no entanto, não diminui o valor das contribuições de Humboldt, sobretudo se considerarmos o contexto em que a crítica se deu, a reverberação de seus juízos nos de Schiller, os possíveis efeitos no momento em que a pena de Goethe deu forma final à história do jovem Meister e, por fim, a influência de sua interpretação nas futuras gerações de críticos. Para melhor compreendermos a relação entre Humboldt e o *Meister* e, por conseguinte, assimilarmos as particularidades de sua interpretação, é preciso recuperar brevemente a posição do intelectual frente ao debate estético da época, sua relação com Goethe e Schiller e o contexto próprio da composição do romance.

Wilhelm von Humboldt, intelectual, filósofo e diplomata alemão, conhecido por seus escritos sobre linguagem, formação (*Bildung*), antropologia e política, bem como por seu papel prático na Prússia de sua época, também desenvolveu alguns estudos no âmbito da estética. Em uma produção marcada menos pela tentativa de resolver disputas ou problemas filosóficos e científicos, e mais guiada pelo curso de seus interesses e relações pessoais (*cf.* Flitner; Giel, 2002, p. 628), Humboldt se encaminhou assim à estética e à crítica literária, áreas que em seu tempo estavam mais entrelaçadas do que apartadas. Suas primeiras reflexões estéticas surgiram em meados de 1780 e se estenderam até o fim de sua vida, mas adquiriram um caráter significativo na década de 1790, sobretudo com a publicação de *Sobre o estudo da antiguidade, e do grego em particular* (*Über das Studium des Alterthums, und des griechischen insbesondere*, 1793) e *Sobre Hermann e Dorothea de Goethe* (*Über Göthes Herrmann und Dorothea*, 1799). Motivos e influências para tal incursão não são desprezíveis: se, por um lado, o movimento ilustrado e a reflexão estética na Alemanha efervesciam e ganhavam cada vez mais protagonismo no fim do século XVIII, por outro, foi nesse mesmo período que

---

<sup>3</sup> *Cf.* Carta de Goethe a Schiller, 2 de dezembro de 1794 (NA 35, p. 97).

Humboldt estreitou os laços de amizade com Schiller e Goethe, ambos mais velhos do que o então jovem intelectual de Potsdam e já considerados figuras centrais do assim chamado e nascente Classicismo de Weimar, cuja produção poética e reflexão estética também se encontravam nesse período em seu ponto áureo.<sup>4</sup>

O contato direto entre Humboldt, Goethe e Schiller se deu sobretudo a partir de 1794 no contexto do ducado de Carl August, cujos territórios sob sua regência abrangiam, dentre outras, as cidades de Weimar e Jena, sendo a última o local onde Humboldt fixou residência de 1794 até 1797, tornando-se vizinho de Schiller, o qual à época ocupava a cadeira de História na Universidade de Jena, o vindouro centro do Idealismo Alemão. Encontros com Goethe, seja em Weimar ou em Jena, também eram frequentes. O diálogo com os dois poetas possibilitou a Humboldt desenvolver ainda mais seus princípios estéticos, sobretudo no âmbito da crítica poética.<sup>5</sup> Soma-se a isso seu entusiasmo e de sua esposa, Caroline, pelo estudo da antiguidade grega, partilhado com Goethe e Schiller (Cf. Lauer, 2017, p. 241). Parte do impacto dessa convivência intelectual bastante ativa e, com efeito, decisiva para o desenvolvimento do pensamento estético de Humboldt pode ser vista em dois de seus textos de velhice dedicados aos poetas de Weimar, cujo peso das influências de cada um deles, contudo, não se resume a um só.<sup>6</sup>

Embora Goethe tenha influenciado decisivamente a maneira pela qual Humboldt desenvolveu suas reflexões estéticas, sobretudo por conta do modo de apreensão dos fenômenos que formulou em seus escritos sobre ciências naturais e sobre Roma, a saber, a partir da noção de *Anschauung*,<sup>7</sup> foi em Schiller que Humboldt encontrou não apenas estímulo para seus estudos e produções, mas sobretudo um parceiro capaz de manter um diálogo altamente especulativo, filosófico e ideal (Koopmann, 2000, p. 557), como bem demonstra a correspondência entre ambos publicada por Humboldt em 1829.<sup>8</sup> Os encontros diários entre Schiller e Humboldt possibilitaram o desenvolvimento de projetos em

---

<sup>4</sup> Sobre tais influências em Humboldt no âmbito da estética e da crítica literária, cf. Novak, 1972, pp. 15-25.

<sup>5</sup> Cf. Berghahn, 2022, p. 55. Humboldt integrou a "Sociedade da sexta-feira" de Weimar, onde personalidades como Goethe, Wieland, Herder e o próprio duque Carl August se reuniam periodicamente para discutir assuntos estético-críticos (cf. Humboldt, 1922, p. 254; carta de Goethe a Schiller, 27 de novembro de 1794, NA 35, p. 96).

<sup>6</sup> Trata-se de *Sobre Schiller e o percurso de seu desenvolvimento intelectual (Über Schiller und den Gang seiner Geistesentwicklung*, traduzido em língua portuguesa em Santos, 2021, pp. 11-38) e *Resenha da Segunda Estada Romana de Goethe (Rezention von Goethes Zweitem römischen Aufenthalt)*, ambos de 1830.

<sup>7</sup> Cf. Flitner; Giel, 2002, p. 630. O termo *Anschauung* já foi vertido para o português como "intuir" e "contemplar", embora a primeira opção esteja mais alinhada com o sentido da filosofia de sua época, tal como vemos, por exemplo, em Kant. Apesar da referência a Goethe, nota-se também em Humboldt a influência do pedagogo suíço Pestalozzi (1746-1827) no que diz respeito a valorização da noção de *Anschauung* e de seus correlatos, sobretudo a partir de sua *Anschauungspädagogik*, decisiva também no desenvolvimento da noção de *Bildung* tal como proposta por Humboldt (cf. Lauer, 2017, pp. 253-54).

<sup>8</sup> Sobre a influência de Schiller sobre Humboldt, cf. por exemplo a carta do último a Karl Gustav Brinkman de 14 de setembro de 1794 (Humboldt, 2015, p. 276).

conjunto, dentre os quais destaca-se a revista *As Horas (Die Horen)*, capitaneada por Schiller e que, com o auxílio de Humboldt, Fichte, Woltmann e Goethe, viria a ser publicada mensalmente entre os anos de 1795 e 1797. Nela, Humboldt contribuiu não apenas com dois textos autorais – e polêmicos –, mas também em termos editoriais, auxiliando o colega no diálogo nem sempre simples entre autores, editores e público.<sup>9</sup> Foi nesse contexto de colaboração bastante fértil que Humboldt se aproximou da mais recente criação poética de Goethe, o romance *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, cuja composição se estendera por quase 20 anos, tendo início em 1777 – ou seja, pouco depois da publicação de *Os sofrimentos do jovem Werther* –, e no qual Schiller, a pedido do autor, se envolvera há pouco no processo de fatura.

Goethe enviou a Schiller em 6 de dezembro de 1794 a prova de impressão do primeiro livro do romance, solicitando sua revisão quanto a possíveis erros e indicando que o colega teria acesso ao livro seguinte apenas quando publicado, embora garantindo-lhe o envio dos demais ainda em manuscrito, o que permitiria intervenções mais substanciais (NA 35, p. 101).<sup>10</sup> Três dias depois, ao relatar a Goethe seu entusiasmo após a leitura do primeiro livro, Schiller fez questão de mencionar o mesmo em relação à impressão de Humboldt (NA 27, p. 102). Em resposta no dia seguinte, Goethe afirmou esperar não apenas as opiniões de Schiller, como anteriormente combinado, mas também as de Humboldt, reafirmando o compromisso de enviar em breve o segundo livro impresso e o terceiro em manuscrito para que ambos os lessem e comentassem (NA 35, p. 106). O primeiro volume da obra, contendo os Livros I e II, foi publicado nos primeiros dias de 1795 e dois de seus exemplares foram enviados por Goethe a Schiller em 3 de janeiro, sendo um deles destinado a Humboldt (NA 35, p. 124). Em 7 de janeiro Schiller recebeu o manuscrito do terceiro livro (NA 27, p. 116). A partir de então, os manuscritos direcionados a Schiller também passaram a ter Humboldt como destinatário, motivo pelo qual este último é frequentemente citado nas cartas entre Goethe e Schiller sobre o

---

<sup>9</sup> Cf. Carta de Schiller a Goethe, 13 de junho de 1794 (NA 27, p. 13). Os textos publicados anonimamente por Humboldt nas *Horas* são os seguintes: *Sobre a diferença entre os sexos e sua influência na natureza orgânica (Über den Geschlechtsunterschied und dessen Einfluß auf die organische Natur)*, publicado na segunda parte do primeiro volume de 1795, e *Sobre a forma masculina e feminina (Über die männliche und weibliche Form)*, publicado em duas metades na terceira e quarta parte do primeiro volume de 1795. Em carta a Schiller de 30 de março de 1795, Kant relatou sua impressão após a leitura das *Horas* e mostrou-se bastante reticente quanto ao primeiro ensaio de Humboldt, não conseguindo compreendê-lo, “por melhor que seja o autor”. Além disso, segundo Kant, o fato do texto ser publicado anonimamente poderia prejudicar a revista de Schiller, uma vez que, nesse cenário, ninguém além do próprio editor seria responsabilizado por tais “opiniões ousadas” (NA 35, p. 182).

<sup>10</sup> Goethe publicou *Os anos de aprendizado* ao longo de 22 meses. Seu esquema de publicação, levado a cabo pelo editor Unger, de Berlim, teve como estratégia principal a divisão do romance em quatro volumes, contendo cada deles dois livros, os quais, ao total, somam oito. Goethe publicou o primeiro volume em janeiro de 1795, o segundo em abril de 1795, o terceiro em novembro de 1795 e, finalmente, o quarto e último volume com os livros sete e oito em outubro de 1796 (cf. Steiner, 1997, pp. 117-120).



*Meister*.<sup>11</sup> Embora as asserções escritas de Humboldt sobre o romance tenham início na carta a Goethe datada em 15 de junho de 1795, na qual comenta os Livros V e VI, as missivas anteriormente mencionadas confirmam que o crítico teve acesso à obra antes de sua publicação. Desse modo, se Schiller logo se debruçou sobre o romance, analisando-o em cartas e também em encontros com seu autor e Humboldt, exercício que ele mesmo chamou de “crítica antecipatória”,<sup>12</sup> não é forçoso dizer que Humboldt, ao lado do amigo e considerando a dimensão da participação de cada um deles, também realizou tal tipo de crítica.

Ao que os registros indicam, Humboldt se referiu ao *Meister* em pouco mais de uma dúzia de cartas, algumas *en passant*, outras de modo mais detido, cujos destinatários eram sobretudo Goethe e Schiller. Considerando-as em sua integralidade, pode-se dizer que a postura de Humboldt frente ao diálogo crítico é marcada por uma posição aparentemente imparcial, avaliadora e minuciosa. Ciente da grandeza de Goethe e Schiller, os quais admirava abertamente, Humboldt, no entanto, não se deixava intimidar, a ponto de reconhecer que até mesmo um gênio como Goethe pode cometer deslizes em suas produções (Novak, 1972, p. 94). Embora a quantidade de suas cartas seja consideravelmente menor em relação àquelas escritas por Schiller, há uma peculiaridade nada desprezível nesse diálogo crítico: evidências diversas apontam que o papel de Humboldt na discussão sobre o romance se deu sobretudo de modo verbal, seja em particular com Schiller ou com Goethe, seja em conjunto com ambos em Jena, cidade a qual Goethe visitava com frequência. Nesse sentido, não é difícil imaginar conversas entusiasmadas entre Humboldt e Schiller acerca do *Meister*, já que em seus encontros frequentes, os quais aconteciam “de preferência sozinhos ao anoitecer e geralmente até tarde da noite [...], tudo o que se tinha tocado durante o dia vinha então naturalmente à linguagem” (Humboldt, 2021, p. 13).

Dentre as missivas disponíveis, selecionamos para a presente publicação as três mais circunscritas e significativas em relação ao tema em questão – embora, naturalmente, por vezes também tratem de outros assuntos –, cujo conteúdo exhibe o caráter singular da interpretação de Humboldt e o movimento reflexivo de seu pensamento comprometido com a particularidade da obra em si. Elas ilustram o lugar de Humboldt na linhagem crítica da obra ao mesmo tempo em que atestam o avanço da composição em dois momentos distintos, a saber, o estágio intermediário e final das publicações: trata-se da (1) carta a Goethe de 15 de junho de 1795 sobre o Livro V, da (2) carta a Schiller de 4 de dezembro de 1795 sobre o Livro VI e da (3) carta a Goethe de 24 de novembro de 1796 sobre o sentido do romance como um todo. Esta última é, talvez, a mais digna de nota, pois encontra-se no

---

<sup>11</sup> Por exemplo, na carta a Goethe de 22 de fevereiro de 1795 (NA 27, p. 149), Schiller contesta, também em nome de Humboldt, a cena em que Meister recebe dinheiro como presente da Condessa (WM IV, 1, p. 206).

<sup>12</sup> Cf. Carta de Schiller a Körner, 9 de outubro de 1794 (NA 27, p. 65).

âmbito do debate e da divergência interpretativa com Körner e, posteriormente, com Schiller em relação ao sentido último do romance, sobretudo em relação às noções de *formação (Bildung)* e *anos de aprendizado (Lehrjahre)*, cujas definições de Humboldt, embora derivadas da narrativa, parecem provir de um horizonte reflexivo mais amplo, relacionado à sua própria investigação sobre a *Bildung*.<sup>13</sup> Embora endereçadas a diferentes remetentes, não se percebem variações de opiniões entre as cartas de Humboldt, o que demonstra a coerência interpretativa do crítico e contribui para uma visão pormenorizada da influência mútua entre suas considerações e as de Schiller e, por fim, de seu efeito nos momentos derradeiros no ateliê poético de Goethe.

A fim de subsidiar uma compreensão mais abrangente da crítica de Humboldt à obra e aos meandros de sua lapidação, frequentemente desconsiderados pelos comentadores, tratamos de indicar na sequência ao menos as passagens mais significativas de suas demais cartas em que surgem observações pontuais em relação aos *Anos de aprendizado*, as quais podem ser alinhadas em três grupos de preocupações distintas, embora sempre em diálogo mútuo: a percepção de Humboldt quanto à recepção da obra, as questões e preocupações editoriais com Unger e, por fim, as análises propriamente críticas quanto à narrativa.

Acerca do primeiro ponto, os comentários de Humboldt atestam a recepção negativa que a obra de Goethe encontrou no público alemão de sua época. Em carta a Schiller de 17 de julho de 1795, Humboldt menciona um comentário de um leitor para exemplificar a situação: “Um juízo de Jenisch sobre o *Meister*: eu vi o *Meister* no *toilette* da minha esposa; imagine só o homem, Goethe, falando ao longo de cinco páginas sobre teatro de marionetes” (Humboldt, 2017, p. 24). Em carta a Goethe de 22 de agosto de 1795, Humboldt reforça o estigma do público quanto à obra:

O *Meister* é lido diligentemente e uma nova parte é devorada, mas os críticos lhe atribuem muitas carências e erros, dentre os quais o mais notável é que ele não é exatamente como o *Werther*. Tampouco compreendem como ele pode se ocupar eternamente com o teatro (Humboldt, 2017, p. 51).

A recepção negativa do romance se relaciona diretamente com as questões editoriais, as quais não passaram por Unger sem uma certa preocupação. Em carta a Schiller de 15 de agosto de 1795, após comentar o juízo severo do editor em relação à revista *Die Horen*, Humboldt logo traz o assunto do romance à baila:

---

<sup>13</sup> A resenha de Körner sobre os *Anos de aprendizado* que ensejou a colocação de Humboldt foi publicada, com o aval de Goethe, no décimo segundo volume de 1796 das *Horas*, sob o título *Sobre Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister (a partir de uma carta ao editor das Horas) (Über Wilhelm Meisters Lehrjahre (aus einem Brief an den Herausgeber der Horen))*; cf. Köner, 2022.





Meyer alega que Goethe recebe 100 luíses de ouro por cada volume de seus escritos com Unger e, portanto, também por cada volume do *Meister*. O próprio Unger me disse que agora ele não está em desvantagem com o *Meister*, e embora eu tivesse pensado que a venda deveria ter sido ainda maior, ainda assim essa parecia ser a verdade. No entanto, ele estava muito satisfeito e ainda mais porque Biester, que fez a revisão, lhe disse que Goethe lhe dera esse romance para arruiná-lo. Em geral, os aplausos que o *Meister* recebe por aqui estão extremamente divididos (Humboldt, 2017, p. 39).

Embora satisfeito com as vendas do romance, não demoraria até que o andamento da obra de fato preocupasse Unger, sobretudo por conta do lapso de tempo entre a publicação do terceiro e do quarto volume. Humboldt, por sua vez, antecipou-se à possível polêmica que o sexto livro, as *Confissões de uma bela alma*, poderia causar no público – nesse momento, ele havia lido esse livro, mas não os seguintes. Ele comenta o assunto em carta a Schiller de 12 de outubro de 1795, indicando sua própria divergência quanto ao modo indigno de julgar levado a cabo pelo grande público:

Unger reclama muito sobre tamanha hesitação quanto ao final do *Meister*. Como você ainda não me escreveu nada a respeito, concluo que ele nem mesmo está pronto para ser exibido ou continua no mesmo tom do início, de modo que não há nada de novo a dizer sobre isso. Já estou bastante receoso quanto aos juízos superficiais sobre essa nova parte (Humboldt, 2017, p. 105).

As análises e comentários de Humboldt quanto ao enredo e ao sentido geral da narrativa são, com efeito, a parte mais significativa de suas cartas sobre o *Meister*, pois, além de demonstrarem seu próprio procedimento crítico, também nos iluminam quanto às possibilidades de compreensão da obra em si. Dentre os assuntos tratados entre Humboldt e Schiller, um dos mais polêmicos foi o já referido Livro VI, o qual surge como uma espécie de suspensão na linearidade temporal da história de Wilhelm Meister ao dar lugar ao relato memorialístico da Canonisa pietista, cujo percurso de vida a convenceu a manter-se recolhida diante do mundo. Em um longo parágrafo da carta a Schiller de 25 de agosto de 1795, Humboldt responde em tom de concordância às acusações do amigo sobre o assunto<sup>14</sup> – embora ainda não houvesse lido o livro em questão – e, com isso, tece suas primeiras considerações a respeito do respectivo livro, ou ao menos em relação àquilo que Schiller relatou sobre ele:

---

<sup>14</sup> Embora a carta de Schiller a Humboldt, datada de 14 de agosto de 1795, não tenha sido preservada, acredita-se que ele teria formulado nela sua crítica às *Confissões de uma bela alma* de forma mais incisiva do que fez alguns dias depois a Goethe, na carta de 17 de agosto de 1795, onde chamou a atenção, de maneira negativa, ao “modo demasiado sutil” com que o autor insinuou as “ideias orientadoras do todo” e a maneira pouco nobre com que a religião cristã e a própria figura da bela alma foram ali tratadas (NA 28, pp. 26-28).





Eu solicitei o envio do *Meister* em minha carta recente a Goethe.<sup>15</sup> Com base nos relatos, posso imaginar vivamente como ele pode ter caído no erro que você acusa em relação ao VI. Livro. Em geral, ele agora parece aspirar a uma simplicidade, clareza e completude no discurso, o que deve necessariamente se tornar perigoso para tudo o que ele escreve neste gênero. Algo disso, como por vezes você também manifestou, já se infiltrou nos livros anteriores do *Meister* e, o que me pareceu muito curioso em relação ao cálculo do público, escapou à atenção tanto dos bons como dos maus críticos. Considero tanto mais difícil que Goethe evite esse erro agora e no futuro, porque ele é explicável desde suas melhores peculiaridades, isso se não surgir delas, e se não for intensificado pela maior calma e frieza de sua idade atual. Estou ansioso para ver o final completo do *Meister*. O desenvolvimento deve e tem que ser completo, ele também tem que, pelo menos em alguma relação ao comprimento, ser conduzido contra o emaranhado [*Verwickelung*], e para tudo isso, como vejo, resta agora apenas um volume; portanto, o final do V. Livro, sobre o qual você nada escreveu, teria de ser muito rico em acontecimentos [*Begebenheiten*]. Seria para mim infinitamente doloroso se Meister não fosse conduzido de maneira correta e o nó [*Knoten*] fosse mais rompido do que desatado. De acordo com as melhores e mais recentes notícias, Goethe recebeu 500 táleres por cada um dos primeiros volumes impressos por Unger, mas mais pelo *Meister*.<sup>16</sup> Talvez não seja exagerado dizer 1500 táleres pelos dois primeiros volumes. [...]. Tenho grandes expectativas quanto ao trabalho de Goethe, embora, é claro, ele deva ser deficiente em algumas partes devido a uma tal dimensão, e, em geral, parece-me que Goethe deveria agora, para além daquelas coisas que são, no sentido mais verdadeiro, produtos de seu gênio, procurar lidar mais com material real do que ficcionado (Humboldt, 2017, pp. 55-56).

A partir desse momento, Humboldt identifica duas características particulares ao romance de Goethe, a saber, a extensão da narrativa e a complexidade do enredo, e estabelece um léxico para referir-se a elas, o qual continuará a ser mobilizado em suas cartas seguintes. Além disso, o crítico retoma em sua análise o motivo clássico do “enlace e desenlace”, par antinômico definido por Aristóteles em sua *Poética* como parte constituinte do enredo trágico.<sup>17</sup> Por meio da imagem do nó,

---

<sup>15</sup> Humboldt solicitou a Goethe o envio do sexto livro, juntamente com a segunda metade do quinto, em carta de 22 de agosto de 1795: “Schiller me escreveu dizendo que o sexto livro do *Meister* está pronto. Você não poderia nos dar o prazer de vê-lo, juntamente com o final do quinto, antes que eles sejam publicados? Estou extremamente ansioso por isso. Sei que Unger os aguarda com impaciência, mas faria apenas um dia de diferença se você tivesse a bondade de enviá-los para mim, ou, o que eu considero ainda mais breve e certo, se pudesse escrever a Unger para que ele me confie o material” (Humboldt, 2017, p. 52).

<sup>16</sup> Da edição em sete volumes publicada por Unger até 1800 (*Goethe's neue Schriften*), apenas dois foram publicados antes dos *Anos de aprendizado* (I: *Groß-Cophta, Cagliostro's Stammbaum, Römischer Karneval* e outros [1792]; II: *Reineke Fuchs* [1794]).

<sup>17</sup> Em grego, Aristóteles se refere aos termos “enlace e desenlace” como *δέσις* e *λύσις* (*désis* e *lýsis*). Embora o primeiro deles também possa ser traduzido por “nó”, tal como se traduz o termo alemão *Knoten* empregado por Humboldt, “enlace” conserva o jogo de palavras tal como proposto na *Poética* em sua língua original. Em ambos os casos, o sentido intrínseco a esta característica da tragédia e do drama é conservado, haja vista a definição aristotélica do conceito: “o ‘enlace’ é o desenvolvimento que se estende desde o início até aquela parte extrema em que ocorre a modificação da ação para a prosperidade ou para a adversidade; o ‘desenlace’ é o desenvolvimento que se estende do início da modificação até o fim” (Aristóteles, 2017, p. 149, 1455b25). A expectativa de Humboldt quanto ao desenlace da história de Meister vai de encontro com as exigências de Aristóteles: “Muitos poetas conduzem bem o enlace e mal o desenlace; mas é sempre necessário manter a proficiência em ambas as partes” (Aristóteles, 2017, p. 153, 1456a5). É notável o fato de que o próprio Goethe se valeu de metáforas têxteis no interior de seu romance, sobretudo do par “trama” e “urdidura”, embora nem

Humboldt busca ilustrar o entrelaçamento entre Wilhelm Meister e as demais personagens, bem como o complexo desenvolvimento do enredo em si, tendo em vista, por fim, a expectativa quanto ao modo com que Goethe desenrolará a articulação narrativa, ou seja, se rompendo-a abruptamente ou desatando-a suavemente. Para Humboldt, desatá-la de modo delicado seria a única alternativa capaz de garantir o bom desenvolvimento da obra e, conseqüentemente, levá-la a bom termo em sua conclusão - mais adiante o mesmo passará a valer também para o desenvolvimento da própria personagem Wilhelm Meister.

Poucos dias depois, em 31 de agosto de 1795, após finalmente ter acesso ao terceiro volume quase completo do *Meister*, Humboldt relata suas impressões a Schiller. Apesar de uma leitura apressada, o sexto livro inicialmente o agradou:

Unger compartilhou comigo o *Meister* (o final do quinto e o sexto livro, exceto por um pedaço que faltava), mas infelizmente apenas por tão pouco tempo, devido à pressa com a impressão, que só pude lê-lo uma única vez e superficialmente. O quinto livro é muito interessante e segue inteiramente o espírito de seus antecessores. Entretanto, o nó com a pessoa em cujos braços Meister se encontrava é ainda mais meramente rompido do que, me parece, era permitido a princípio. O adormecer de Meister não é natural.<sup>18</sup> O pobre Unger estava um pouco temeroso em relação ao sexto livro. Eu o consolei. Eu gostaria de ter usado mais os acenos que suas cartas me deram para examiná-lo mais detalhadamente, mas o tempo foi muito curto.<sup>19</sup> O *todo* muito *me* interessou. O curso das opiniões religiosas nessa pessoa é descrito com grande fidelidade e natureza, e nisso Goethe também demonstrou um grande conhecimento deste lado da alma humana. Isto é excelente: a verdade de que o modo de sentir [*Empfindungsweise*] em geral determina a religiosidade e suas modificações, e não esta última a primeira, é mostrada de maneira muito plausível em todo o curso da história e de uma forma tão individual que assim parece nova até certo ponto. Algumas passagens pareceram-me revelar percepções psicológicas profundas e eu gostaria de tê-las analisado mais de perto, como, por exemplo, a transição para uma maior inquietação religiosa através do primeiro contato com Philo, a revelação, por assim dizer, do que é a fé ao ajoelhar-se diante do crucifixo etc. Por outro lado, a narrativa é, no entanto, por vezes muito lenta, e muito disso será chamado de antiquado<sup>20</sup> e pequeno-burguês, e em parte realmente é, o que é ainda mais perceptível porque a cena [...] (Humboldt, 2017, p. 68)<sup>21</sup>.

---

sempre as relacionasse com a tessitura da narrativa no sentido aristotélico; vemos seu uso, por exemplo, na explicação do desconhecido sobre a "trama do mundo" (WM I, 17, p. 83), no comentário do narrador sobre a inevitabilidade das ações do mundo (WM VIII, 5, p. 517) ou ainda, em sentido oposto, no lamento do Harpista quanto às "turvas e sombrias redes tramadas pelos homens" (WM VIII, 9, p. 552).

<sup>18</sup> Cf. WM V, 13, p. 320. Novak (1972, p. 95) comenta que a posição de Humboldt nesse caso em específico é um "exemplo problemático" de sua "mentalidade literal ocasional", fundamentada em questões de gosto e morais, as quais revelariam mais sobre sua visão de mundo do que sobre a obra literária em si.

<sup>19</sup> Trata-se, na verdade, da já indicada carta perdida de Schiller a Humboldt de 14 de agosto de 1795.

<sup>20</sup> No original, Humboldt usa o termo *altfränkisch*, cuja tradução literal é "antigo francônico", modo de caracterizar algo à época como antiquado ou retrógrado.

<sup>21</sup> A carta de Humboldt foi interrompida nesse ponto, portanto, com a explicação em aberto.

Humboldt teceu novos e significativos comentários sobre o sexto livro após receber a versão final do terceiro tomo do romance por intermédio de Unger, tal como vemos na carta a Schiller de 4 de dezembro 1795, a qual encontra-se traduzida integralmente nessa publicação. Nela, por exemplo, é significativo a percepção e legitimação da autonomia do romance enquanto obra de arte, a qual o crítico sustenta ao considerar a função da Canonisa frente ao conjunto da narrativa: embora seu caráter cause antipatia e aversão, ele surge como uma exigência do romance. Tal entusiasmo com o referido volume foi também compartilhado com Goethe após alguns meses, como revela a carta de 9 de fevereiro de 1796:

O último volume do seu *Meister* e seu *Conto* me proporcionaram uma ocupação muito agradável no outono passado.<sup>22</sup> Os dois últimos livros de seu romance contrastam de forma muito bela um com o outro; o quinto tão cheio de vida, variedade e movimento; o sexto tão simples nos acontecimentos e tão rico em observações profundas e finas. Embora eu seja quase incapaz de simpatizar com a pessoa que você descreve [no sexto livro], ainda assim admirei a arte com a qual você tão belamente criou esse caráter difícil e com tanta felicidade o levou a cabo. Eu só consegui me colocar de modo completo no lugar dessa individualidade, totalmente estranha para mim, em função de sua descrição [*Schilderung*], e somente em algumas transições, onde a culpa pode muito facilmente recair sobre mim, teria desejado mais minuciosidade ou precisão [*Bestimmtheit*]. A aparição do tio [*Oheim*] tem um efeito extremamente benéfico. Dada a sua natureza amigável e liberal, e os muitos objetos que ele reuniu ao seu redor, pode-se descansar com prazer da disposição [*Stimmung*] sombria, confusa e inteiramente subjetiva da pobre moça. Estou muito curioso para ver como você irá atar esse episódio ao conjunto na sequência e sobretudo como irá desatar os diversos nós que foram amarrados até então (Humboldt, 2017, p. 194)<sup>23</sup>.

Embora os comentários de Humboldt sobre as *Confissões*, tal como expostos na carta acima, tenham passado em grande medida despercebidos pela crítica posterior do *Meister*, percebe-se, ao prescrutá-los, que eles indicam elementos importantes para a compreensão das memórias da Canonisa, além de atestar a preocupação do interlocutor com a questão da individualidade das personagens no interior da narrativa.

De acordo com a carta a Schiller de 16 de julho de 1796, escrita poucos meses antes da publicação do último volume do *Meister*, durante o período decisivo de seu arremate, Humboldt não deixou de reconhecer a importância do amigo junto a Goethe no trabalho de finalização da obra,

---

<sup>22</sup> Trata-se do conto maravilhoso escrito por Goethe e publicado sob o título *Mährchen*, no décimo volume de 1795 da revista *As Horas* como continuação e finalização da coleção de novelas emolduradas *Conversas de emigrantes alemães (Unterhaltungen deutscher Ausgewanderten)*.

<sup>23</sup> No início do oitavo livro do romance, após Wilhelm enviar uma carta a Therese oferecendo sua mão em casamento, Goethe, de maneira bastante sagaz, apresenta o jovem Meister como que em diálogo implícito com as inquietações de Humboldt, pois, aguardando a resposta da amada, o herói encontrava-se ansioso “para ver como se reatariam e em parte se romperiam tantos fios, e como sua própria situação determinaria seu futuro” (WM VIII, 2, p. 482).



sobretudo considerando a dedicação intensa e exclusiva de Schiller durante as duas primeiras semanas deste mês a fim de ler e comentar a obra como um todo, tal como vemos nas cartas do autor de *Wallenstein* endereçadas a Goethe nesse período. Porém, ao lado do genuíno incentivo, Humboldt alertou Schiller sobre um possível esvaziamento de sua individualidade durante o processo de crítica pormenorizada do romance:

O que você me diz sobre o oitavo livro do *Meister* desperta a minha mais intensa curiosidade.<sup>24</sup> É um pensamento muito feliz o fato de você querer se ocupar de maneira séria e persistente com o romance. Isso certamente o levará a novas observações sobre esse gênero e também lhe dará novas explicações sobre o espírito de Goethe e sua esfera. A confissão que a sua última carta me prestou, de que agora você prefere viver na individualidade de Goethe do que na sua, é para mim uma nova e bela evidência do quanto até mesmo o próprio gênio mais autônomo pode ser tomado pelo reconhecimento de outro. Como você diz, esse sentimento certamente paralisará seu próprio poder de produção somente em pouquíssimos momentos temporários. Entretanto, experiências desse tipo sempre me mostram como é difícil fazer plena justiça à sua individualidade, com a simples modéstia que é sempre própria do gênio, e nunca se comparar com uma outra forma espiritual diferente, mas sempre apenas com o seu próprio ideal (Humboldt, 2017, p. 269).

Não seria um despropósito pensar o seguinte, a partir da hesitação de Humboldt: teria Schiller de fato abandonado sua individualidade e substituído seu ideal pelo de Goethe ao longo de sua crítica ao romance, principalmente nas cartas de julho de 1796? Dito de outro modo, teria Schiller se convencido do modo com que Goethe intentou definir os caminhos de sua obra ou teria ele permanecido resoluto em suas convicções quanto ao sentido que a narrativa deveria alcançar?<sup>25</sup>

O legado da crítica de Humboldt sobre o *Meister* encontra-se sobretudo na já referida carta a Goethe de 24 de novembro de 1796, traduzida integralmente a seguir. Nela, Humboldt dá seu parecer em relação à resenha de Körner publicada nas *Horas*, cujo sentido geral da narrativa atribuído pelo colega, jurista em Dresden e grande amigo de Schiller, não vai de encontro com aquilo que Humboldt

---

<sup>24</sup> Goethe enviou o manuscrito do oitavo livro da “grande obra” a Schiller em 26 de junho de 1796 (NA 36 I, p. 246), o qual foi posteriormente retrabalhado em alguns pontos tendo em vista os comentários do colega.

<sup>25</sup> No texto sobre Schiller publicado em 1830, ou seja, mais de trinta anos após a referida carta, Humboldt retornou à questão em relação ao esvaziamento da individualidade do amigo frente a outros ideais, algo possível de acontecer durante o diálogo intelectual com outras figuras proeminentes como, por exemplo, Goethe e Kant. A conclusão de Humboldt, no entanto, é contrária àquilo que ele questionou anteriormente em sua juventude: “Algo da peculiaridade de Schiller era nunca ser arrastado por um grande espírito ao lado dele para o seu círculo, e, em oposição a isso, no seu próprio, criado por ele mesmo, ser estimulado da maneira mais poderosa por meio de uma tal influência. Pode-se muito bem ficar em dúvida, se se deve admirar isso nele mais como grandeza de espírito ou como beleza profunda de caráter. Não se subordinar à individualidade do outro é propriedade de toda grande força espiritual, de todo ânimo mais forte, mas olhar inteiramente através da individualidade alheia, como diferente, e apreciá-la completamente, e, a partir dessa intuição admirável, tirar forças somente para tornar a própria ainda mais decisiva e correta em seus objetivos, é algo que pertence a poucos e, em Schiller, era um traço eminente de caráter” (Humboldt, 2021, p. 27). A investigação quanto às perguntas colocadas, embora já realizada por alguns estudiosos – os quais, a bem dizer, divergem quanto às conclusões –, ainda reivindica um exame minucioso.



considerou pertinente. Para explicar suas discordâncias, Humboldt expõe na missiva a sua própria interpretação do romance, a qual, embora sucinta, contém colocações incontornáveis capazes de desestabilizar a leitura idealista do romance tal como operada por Schiller e Körner. *Grosso modo*, Humboldt opõe-se à centralidade da figura do herói, tal como defendida por Körner, e, ao argumentar nessa direção, considera a individualidade de Wilhelm como pouco determinada, ao contrário do que pensou Schiller.<sup>26</sup> Soma-se a isso sua percepção quanto à ironia de Goethe presente nas linhas do romance, a qual Schiller nem sempre esteve atento e Körner, por sua vez, parece ter ignorado completamente. O reconhecimento da ironia fundamenta a posição de Humboldt quanto ao sentido geral do romance e seu senso de completude enquanto obra de arte, os quais repousam sob a questão da formação (*Bildung*) de Wilhelm Meister: seria ela acabada ou inacabada? Desde então atento aos parâmetros e possibilidades da ideia de formação, as quais pouco tempo depois sobrepujaram a esfera da reflexão e ganharam aplicação concreta em suas realizações como ministro no Reino da Prússia, Humboldt estabelece na carta uma diferenciação até então impensada por seus interlocutores entre as noções de *anos de aprendizado* (*Lehrjahre*), *formação* (*Ausbildung*) e *educação* (*Erziehung*). Tal destrinchar conceitual, embora não satisfatoriamente fundamentado, haja vista o contexto informal e limitado de uma troca de correspondências, embasa seu argumento de que caso tomemos a ideia de “anos de aprendizado” como sinônimo de formação ou educação completa da personagem, o romance enquanto narrativa permaneceria inacabado. A desambiguação das noções e respectiva incondicionalidade imediata de sentido, contudo, não faz com que o pensador considere o romance incompleto: a narrativa foi concluída na medida em que Wilhelm conquistou aquilo que Humboldt chamou de “arte da vida”.

Os verdadeiros anos de aprendizado terminaram, Meister agora interiorizou a arte da vida, ele agora compreendeu que para se ter algo um tem de agarrar e o outro tem de lhe sacrificar. E o que significa a arte de viver senão que o entendimento escolhe uma coisa e o caráter sacrifica o restante por ele? (Humboldt, 2017, p. 312)<sup>27</sup>.

Ao apresentar um sentido até então impensado quanto ao todo da obra, considera-se que Humboldt inaugurou uma nova maneira de compreender *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* e sua funcionalidade enquanto romance, uma vez que, ao valorizar as circunstâncias e acontecimentos (*Begebenheiten*) como aspectos predominantes e determinantes na narrativa, a qual,

---

<sup>26</sup> Para Körner (2022, p. 126), “Meister teve de permanecer sempre a figura principal”. Segundo Schiller, ao fim do romance Wilhelm “alcança determinidade [*Bestimmtheit*], sem perder a bela determinabilidade [*Bestimmbarkeit*]” (carta de Schiller a Goethe, 8 de julho de 1796, NA 28, p. 254).

<sup>27</sup> Gille (1971, p. 44) considera revelador, em sentido positivo, o fato de que um importante teórico da *Bildung* como Humboldt foi capaz de ver a conclusão da formação de Wilhelm somente em um “sentido altamente limitado, verdadeiramente insuficiente”.



nesse sentido, opera uma espécie de retrato do mundo tal como visto, em termos de gênero, na epopeia (Maas, 2000, p. 106), o crítico acaba opondo-se ao romance enquanto mera exibição do desenvolvimento interior do herói como figura principal, tal como entendido por Blanckenburg em *Ensaio sobre o romance (Versuch über den Roman, 1774)* e assimilado por Körner (Gille, 1971, p. 44). Nesse sentido, Humboldt se afastaria em alguma medida da caracterização do *Meister* como romance de formação (*Bildungsroman*), e, com isso, pode-se questionar inclusive o quão válido seria se referir a Wilhelm Meister como “herói” do romance, haja vista a preponderância de elementos diversos à figura unilateral da personagem, os quais a relativizaria.

O posicionamento interpretativo de Humboldt, no entanto, não o exime de controvérsias, sobretudo ao considerá-lo tendo em vista a reação de Schiller,<sup>28</sup> o qual, sob chave idealista e por meio de referenciais mais estritamente ligados à filosofia de seu tempo, coloca em perspectiva um sentido da narrativa bastante especulativo e particular, cuja compreensão, por sua vez, exige uma análise minuciosa do conjunto de suas cartas sobre o romance e de seu posicionamento frente a Goethe quanto ao sentido da formação de Meister, os quais, em última análise, estão intimamente relacionados com o desenvolvimento de suas próprias ideias filosóficas aprofundadas na primeira metade da década de 1790, análise que, naturalmente, se sobrepõem ao propósito da presente introdução. Tais embates interpretativos, vale notar, apenas enriquecem a experiência do leitor e do estudioso contemporâneo e atestam a riqueza poética da obra e do gênio de Goethe. Este, por sua vez, ao relembrar o período de composição do romance e as poucas figuras que contribuíram positiva ou negativamente em seu desenvolvimento, fez questão de reconhecer a importância do papel desempenhado por Humboldt ao longo do complexo processo de feitura da obra: “A participação de *Wilhelm von Humboldt* foi, entretanto, mais frutífera; de suas cartas provêm uma clara compreensão do querer e do realizar que resultou em um verdadeiro incentivo” (MA 14, p. 39).

As traduções que se apresentam na sequência tiveram como base a edição histórico-crítica das cartas de Wilhelm von Humboldt, organizada e comentada por Philip Mattson, bem como seus respectivos manuscritos sob a guarda do *Goethe- und Schiller-Archiv*, em Weimar, e do *Deutsches Literaturarchiv*, em Marbach, aos quais agradecemos pelo apoio durante o trabalho com as fontes. Quanto às especificidades da tradução, notamos apenas dois detalhes. Primeiramente, optamos por traduzir o “Sie” alemão para “você” em português, pois, apesar do primeiro ser um pronome formal, o contexto de amizade entre os interlocutores sugere uma relação mais próxima, o que permite essa equivalência. A utilização do pronome formal, comum no diálogo epistolar da época, não implica necessariamente em distância ou falta de intimidade entre os correspondentes. Em segundo lugar,

---

<sup>28</sup> Cf. Schiller a Goethe, 28 de novembro de 1796 (NA 29, pp.15-16).





Humboldt não costumava grafar nas cartas o título do romance de Goethe de modo destacado – quase sempre mencionado apenas como “Meister”, sem aspas –, contudo esse procedimento foi adotado por nós na versão em língua portuguesa, destacando-o em *itálico*, para facilitar a distinção entre o nome da personagem e o título da obra.





[Tradução]

## TRÊS CARTAS SOBRE OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER

por Wilhelm von Humboldt

### 1 A Goethe em Weimar

Jena, 15 de junho de 1795<sup>1</sup>

15. jun. 95.

Eu me alegro muito, querido amigo, por saber que você está no caminho da recuperação e deseje-lhe o melhor dos progressos.<sup>2</sup> Como ouvi de Schiller, você está decidido a ir para Karlsbad, e de qualquer modo eu o verei antes de minha partida, pois, se você permitir, se for possível, vou visitá-lo novamente em Weimar por algumas horas. Por aqui, o perverso sarampo por fim chegou até nós. Minha menina já o teve, mas está em recuperação; o irmãozinho e eu ainda estamos absolutamente livres e talvez nossa viagem não seja perturbada por isso.

Seu *Meister* nos proporcionou ontem uma noite muito afortunada.<sup>3</sup> Você foi incrivelmente bem-sucedido. Os acontecimentos [*Begebenheiten*] são tão bem motivados, e ainda assim tomam um curso tão rápido e inesperado para o leitor; as personagens se sustentam maravilhosamente, e a reflexão sobre *Hamlet* está cheia de ideias profundas e observações excelentes.<sup>4</sup> A distinção entre drama e romance que você indica é extraída do âmago da teoria da arte e provavelmente mereceria uma discussão mais detalhada do que a passagem no romance lhe permitiu.<sup>5</sup> Você preparou a transição de Meister para o teatro com grande arte, e a carta de Werner e a dele contrastam de maneira primorosa

---

<sup>1</sup> *In*: Goethe- und Schiller-Archiv, 28/439, folhas 1 e 2; Humboldt, Wilhelm von. *Briefe Juli 1791 bis Juni 1795*. Band I-2. Hrsg. von Philip Mattson. Berlin, Boston: De Gruyter, 2015, p. 310-312.

<sup>2</sup> Goethe sofreu uma reincidência de tumor no maxilar superior no começo de junho, ao partir de Jena em direção a Weimar.

<sup>3</sup> Goethe enviou a Schiller em 11 de junho de 1795 a primeira metade do Livro V dos *Anos de aprendizado*, isto é, até o capítulo 12, com o pedido para que ele e Humboldt lessem e comentassem.

<sup>4</sup> As reflexões sobre *Hamlet*, desenvolvidas principalmente nos diálogos entre Wilhelm e Serlo, se encontram em WM V, 4-6.

<sup>5</sup> A distinção entre drama e romance se encontra em WM V, 7. Motivado pelo entusiasmo de Humboldt e Schiller, Goethe viria a escrever dois anos depois, em parceria com o último, o ensaio *Sobre poesia épica e dramática* (*Über epische und dramatische Dichtung*).



uma diante da outra.<sup>6</sup> Esta última também preserva acenos muito úteis sobre o seu romance em si e os motivos pelos quais você deixou tudo girar em torno do teatro. De minha esposa, devo lhe dizer que ela está muito intrigada para saber de quem é o braço que enlaça Meister no instante em que o manuscrito nos deixa.<sup>7</sup> Na verdade, todos nós estamos bastante curiosos sobre isso e fizemos todas as apostas para descobrir. A maioria dos votos entre nós e os Schiller são a favor de Mariane; no entanto, Mignon e Philine também passaram por nossa lista.<sup>8</sup> Penso que a aparição com a qual se encerra o capítulo provém da mesma pessoa que assumiu o espectro, ou engana também esta suposição e o espectro era um homem, talvez Werner?<sup>9</sup> Agradeço a você especialmente por Aurelie desempenhar um papel tão bonito. Ela não incomoda ninguém, ainda que não a amem, e torna Philine ainda mais picante através do imenso contraste que, pelo menos entre todos nós, se eleva ainda mais graças ao Clap! Clap! e a bela canção.<sup>10</sup> Mas o que Philine quer dizer quando se refere a uma passagem em *Hamlet*?<sup>11</sup>

A *Luise* de Voß interessou-me tanto que estou ocupando-me incessantemente com ela.<sup>12</sup> Isso conduziu-me ao idílio em geral e à comparação com outros poetas idílicos. Conheço muito pouco os

---

<sup>6</sup> Após um longo período de hesitação, Wilhelm decide juntar-se à companhia de Serlo. A transição de Meister para o teatro, portanto, a sua decisão de renegar o passado burguês em detrimento da vida artística, tem lugar em WM V, 1-3. A carta de Werner se encontra no segundo capítulo, a de Meister no terceiro.

<sup>7</sup> A cena acontece no final de WM V, 12. A identidade da parceira amorosa que surpreende Meister em seu quarto após a festa que se seguiu à apresentação de Hamlet nunca é revelada explicitamente no romance, embora o próprio Wilhelm pense tratar-se de Philine. O fato de essa cena concluir o manuscrito naquele momento levanta a questão de se o Livro V deveria ser encerrado com essa reviravolta inesperada, a qual lembra as conclusões dos livros anteriores. Na versão final do romance, contudo, seguem-se outros quatro capítulos que levam ao livro seguinte, a saber, "Confissões de uma bela alma".

<sup>8</sup> Humboldt se refere a Friedrich Schiller e sua esposa Charlotte, nascida von Lengefeld (1766-1826).

<sup>9</sup> A "aparição" deve se referir ao véu que o misterioso fantasma do pai de Hamlet perdeu ao deixar o teatro após a apresentação e que o "diretor de cena" deu a Wilhelm ao sair da festa pós-encenação. Depois da estranha noite de amor, ele o descobre em sua cama com a inscrição "Foge, meu jovem, foge!", em WM V, 13, p. 310. Nesse momento, a identidade do ator que deu vida ao fantasma do pai de Hamlet ainda é um mistério não só para os leitores, mas também para Wilhelm. A encenação da peça na qual a personagem misteriosa aparece ocorre em WM V, 11, p. 313-315.

<sup>10</sup> A canção de Philine, a partir da qual a personagem transparece sua lascividade de modo gracioso, se encontra em WM V, 10, p. 309-310. Quanto ao "Clap! Clap!", trata-se de uma referência à passagem em que Serlo elogia os "pezinhos" de Philine e suas pantufas, as quais fazem o referido som, em WM V, 5, p. 294-295. Na ocasião, Philine se aproveita da situação para gracejar com o diretor teatral e irritar ainda mais sua irmã Aurelie.

<sup>11</sup> WM V, 10, p. 309. Após a grande discussão sobre o modo como *Hamlet* deveria ser encenado em um palco alemão, Philine repreende Wilhelm e os demais no ensaio geral da peça, pois apesar de Meister e Serlo não quererem "mutilar o grande autor, acabam deixando de fora o mais belo pensamento" da obra, cuja passagem a que se refere, entretanto, a personagem não revela explicitamente. A crítica, por sua vez, compreende que Philine faz alusão à fala erótica de Hamlet dirigida a Ofélia, no ato III, cena II ("É um belo pensamento repousar entre as pernas de uma donzela"). No romance, isso relaciona-se também com as ações e a canção de Philine realizadas na sequência.

<sup>12</sup> *Luise: um poema pastoral em três idílios* (*Luise: Ein ländliches Gedicht in drei Idyllen*), poema em hexâmetros de Johann Heinrich Voss (1751-1826), publicado pela primeira vez entre 1783 e 1784. No caso, acredita-se que Humboldt esteja se referindo a reedição de 1795. Figura proeminente do círculo intelectual



poetas italianos desse tipo. Há outros muito inusitados além de Sannazaro?<sup>13</sup> E, se me permite solicitar, você não poderia me enviar logo ao menos o primeiro e o *Pastor fido* por alguns dias?<sup>14</sup>

Perdoe os meus garranchos e divagações, e receba apenas os meus sinceros e cordiais agradecimentos pelos dias felizes que desfrutei ao seu lado, os quais só foram perturbados pela preocupação com a sua saúde.<sup>15</sup> De minha parte, mil cumprimentos ao seu amigo Meyer, e de minha esposa, a vocês dois!<sup>16</sup>

Humboldt.

Schiller contesta que o ensaio no *Mercúrio* "Sobre o estilo nas artes visuais", do qual há uma continuação no número de maio, seja de *Fichte*. Mas você não me contou e falou sobre esse pequeno trabalho?<sup>17</sup>

## 2 A Schiller em Jena

Tegel, 4 de dezembro de 1795<sup>18</sup>

Tegel, 4. Xbr. 95.

Eu não recebi nenhuma carta sua, querido amigo, desde que lhe escrevi no outro dia, e como já notei algumas vezes que pacotes ficam mais tempo na estrada do que cartas simples, espero o XI.

---

alemão de sua época, principalmente por conta de suas importantes traduções de Homero e de seu conhecimento de métrica antiga, Voss era amigo de Goethe e o incentivou a escrever o poema épico *Hermann e Dorothea*.

<sup>13</sup> Jacopo Sannazaro (1458-1530), poeta e humanista italiano do Renascimento, é autor de *Arcadia*, importante *prosimetrum* – combinação de prosa e verso – pastoral escrito em italiano e publicado em 1504.

<sup>14</sup> *O pastor fiel* (*Il pastor fido*), drama pastoral de Giovanni Battista Guarini (1538-1612) publicado em 1590 e representado como ópera na Itália ainda na mesma década. Posteriormente, foi adaptado por George Friedrich Händel, com libreto de Giacomo Rossi, e representado pela primeira vez em 1712, em Londres.

<sup>15</sup> Goethe havia visitado Humboldt em Jena em 2 de junho, e os dois viajaram juntos para Weimar no dia 4 do mesmo mês.

<sup>16</sup> Johann Heinrich Meyer (1760-1832), pintor e crítico de arte de origem Suíça. Meyer e Goethe se conheceram em Roma, em 1786, e se tornaram grandes amigos, além de parceiros em diversas investidas no âmbito das artes plásticas em Weimar.

<sup>17</sup> O ensaio *Sobre o estilo nas artes plásticas* (*Über den Stil in den bildenden Künsten*) foi publicado em quatro partes na revista de Wieland, *Der neue teutsche Merkur*, em 1795. A suspeita diante da possível autoria de Fichte provavelmente surgiu porque as contribuições foram inicialmente assinadas apenas com "F."; somente no final da última parte, que ainda não havia aparecido na época da presente carta, o nome do autor é revelado: "Fernow". Goethe só foi informado no mês seguinte sobre o verdadeiro nome do autor do ensaio, como relata a Schiller em carta de 19 de julho de 1795.

<sup>18</sup> *In: Deutsches Literaturarchiv Marbach, Cotta: Briefe, Schiller C3, 2 folhas; Humboldt, Wilhelm von. Briefe Juli 1795 bis Juni 1797. Band I-3. Hrsg. von Philip Mattson. Berlin, Boston: De Gruyter, 2017, p. 161-164.*

volume das *Horas*, pelo qual estou infinitamente ansioso por causa de seu ensaio.<sup>19</sup> Passei os últimos oito dias muito bem de saúde e diligente. Estou tentando me familiarizar cada vez mais com meu novo trabalho, o qual a cada dia me interessa mais, e o próximo preparativo para ele, que agora me ocupa, me dá um prazer muito grande, a saber, a mera leitura silenciosa de algumas peças líricas nas quais me atento apenas ao espírito e à maneira do poeta e ao efeito do produto, e me desprendo de todo emaranhado de erudição da língua e da antiguidade (com os quais sempre temos que lutar quando estudamos um escritor antigo pela primeira vez). É claro que também sinto as dificuldades de forma mais vívida a cada passo que dou adiante. Mas muitas coisas podem ser superadas e faz-se ao menos tanto quanto é possível.

Gentz esteve comigo há alguns dias.<sup>20</sup> Eu mencionei *As Horas* novamente. A única causa de sua inatividade para a revista é realmente o esforço para apresentar algo excelente, e como achei sua disposição boa desse ponto de vista, fiz-lhe então uma proposta, que ele também aceitou caso você concordasse. As *Memórias* de Madame Roland, a qual, como você se lembra, foi guilhotinada, já foram publicadas.<sup>21</sup> Como Gentz me assegurou, elas são extraordinariamente interessantes e dificilmente se pode esperar outra coisa, já que a própria Roland as escreveu, a qual, como se sabe, era uma mulher sumamente espirituosa e ao mesmo tempo tão bela, e estava entrelaçada em muitos destinos estranhos. Eu propus a Gentz que ele faça um ensaio a partir dessas memórias, não apenas descrevendo a vida, mas também o caráter de Roland. Naturalmente, ele teria que entrelaçar no interior do texto circunstâncias históricas de modo detalhado, entretanto ele mesmo sente que, como essas memórias certamente se tornarão em geral conhecidas em breve, ele não precisa ir muito longe nesses pormenores e de modo algum se estender. Estou bastante convencido de que Roland poderia ser tratada de maneira muito interessante e que poderia suscitar muitas observações psicológicas. Mesmo

---

<sup>19</sup> *As Horas (Die Horen)*, revista literária capitaneada por Schiller e publicada mensalmente entre 1795 e 1797 pela editora Cotta. Humboldt, Fichte e Goethe, além de colaborarem com escritos próprios, tinham voz ativa na organização dos materiais. O ensaio mencionado por Humboldt é *Sobre o ingênuo (Über das Naive)*, de Schiller.

<sup>20</sup> Friedrich Gentz (1764-1832), diplomata e escritor alemão-austriaco, desempenhou um papel importante na organização, gestão e protocolo do Congresso de Viena. Gentz estreitou os laços de amizade com Humboldt em Berlim.

<sup>21</sup> Madame Roland (1754-1793), mulher francesa proeminente no Partido Girondino e figura importante na Revolução Francesa. Antes de ser guilhotinada, permaneceu alguns meses encarcerada na Prisão da Abadia, onde escreveu suas memórias. No caso, Humboldt se refere ao texto *Apelo à posteridade imparcial, pela cidadã Roland, Esposa do Ministro do Interior; ou Coleção de Escritos, que redigiu durante a sua detenção nas Prisões da Abadia e Sainte-Pélagie; Impresso em benefício de sua única filha, privada da fortuna do pai e da mãe, cujos bens ainda estão sequestrados (Appel à l'impartiale postérité, par la citoyenne Roland, Femme du Ministre de l'Intérieur; ou Recueil des Ecrits, qu'elle a rédigés, pendant sa détention aux prisons de l'Abbaye et de Sainte-Pélagie; Imprimé au profit de sa fille unique, privée de la fortune de ses père et mère, dont les biens sont toujours séquestrés)*, publicado em 1795, em Paris. Suas *Memórias* propriamente ditas, divididas em duas partes e um anexo, foram publicadas na França apenas em 1800. Um trabalho de Gentz sobre o assunto, referido na sequência por Humboldt, nunca se concretizou.



que eu não queira exatamente afirmar que Gentz fará algo de todo excelente nesse sentido, certamente acredito que ele entregará um trabalho em que o valor interno se combinará com o interesse geral. Seu conhecimento da Revolução Francesa não pode deixar de produzir comentários políticos e históricos apropriados, e sua dicção muitas vezes forte e intensa será adequada ao caráter da heroína. Não é preciso dizer que ele terminará o ensaio no mais tardar até fevereiro. Além disso, haveria também a comodidade de que você poderia devolver a obra sem problemas caso posteriormente ela não lhe interesse, pois Gentz então precisaria dela para sua revista ou para uma recensão no *Jornal literário*.<sup>22</sup> Veja, caro amigo, como a sugestão lhe agrada e diga-me em sua próxima carta a resposta para Gentz, o qual se refere ao senhor da melhor maneira e é o único entre todos aqui com quem gosto de falar sobre você e seu trabalho. Se o objeto não lhe parecer muito adequado, não há problema. Gentz não está de modo algum obcecado em executar exatamente isso para *As Horas*, mas essa contribuição é do tipo que ele pode prometer com segurança e em um tempo determinado, já que qualquer outro trabalho mais próprio e mais importante tende a se arrastar, para não mencionar a dificuldade da escolha e da decisão inicial.

Fiz agora uma nova leitura do *Meister*. Não se pode negar que o VI. Livro é insuportavelmente longo e extenso, por melhor que seja o tratamento do difícil assunto. A cena se transforma subitamente com o tio [*Oheim*] e, especialmente nesse ponto, há algumas observações muito finas.<sup>23</sup> Muito se poderia dizer sobre a postura e até mesmo sobre a escolha do caráter no qual deveriam ser exibidos os efeitos de uma tal disposição [*Stimmung*] entusiástica. Evidentemente, Goethe escolheu com bastante diligência uma alma que apenas muito impropriamente é chamada de bela, sendo um tanto mais mesquinha, vaidosa e limitada, que tem somente alguns lados maiores. Um caráter mais importante o teria feito tratar essa religiosidade implantada de forma muito independente e nele misturado muito de sua própria religiosidade. Isso envolveu um certo grau de passividade tão logo se tratou do assunto, pois parece ter sido o objetivo de Goethe traçar mais uma disposição de ânimo [*Gemütsstimmung*] singular e sua influência no todo do que uma personagem à parte. É claro que essa também é a razão pela qual a santa afunda ainda mais em uma carcaça seca e mais ou menos adversa. Embora eu sempre leia as Confissões com grande interesse e não me deixo aborrecer ao acompanhar, mesmo com esforço, o andamento da personagem, o indivíduo continua sendo sempre, para mim, uma figura [*Gestalt*]

---

<sup>22</sup> Humboldt se refere ao *Allgemeine Literatur-Zeitung*, jornal literário fundado em 1785, em Jena, pelo editor Friedrich Bertuch (1747-1822), juntamente com o professor de literatura Christian Schütz (1747-1832) e o poeta Martin Wieland (1733-1813).

<sup>23</sup> A chegada dessa personagem, um cunhado do pai da "bela alma", proporciona um quadro novo e mais sólido para o decorrer dos acontecimentos de suas confissões, na medida em que o viúvo rico e sem filhos designa a irmã mais nova da narradora como dama de honra em uma corte vizinha, onde buscará desposá-la com algum nobre, e também nomeia a narradora como "canonisa" (WM VI, p. 371-372).



altamente fatal, que me desagradava com a mesma força e (o que para mim é uma prova da grande arte com que Goethe sustentou a personagem) sempre da mesma maneira em todas as suas metamorfoses. Uma imaginação inteiramente isolada, eternamente doente, que é acompanhada de frieza e de completa falta de sentimento verdadeiro e profundo, sem possuir força suficiente para entusiasmar-se de maneira ousada e grandiosa, e sem leveza e graça suficientes para produzir belas imagens, é a coisa mais infértil que se pode imaginar, e um caráter baseado unicamente em tal fantasia deve ser necessariamente desagradável e seco.<sup>24</sup> Mas é claro que ele foi precisamente o melhor para essa matéria, e me parece um mérito próprio do *Meister* que as personagens sejam formadas inteiramente de acordo com as exigências do romance. Isto é especialmente visível no *Meister*, que me parece como um ideal de personagem de romance, o fato de que está sempre tão inclinado a se enredar e assim nunca tem força para desatar novamente os nós amarrados, e, portanto, coloca-se incessantemente nas mãos do acaso. A passagem sobre a diferença entre o romance e o drama é aqui, pelo que ouvi, mal compreendida por muitos e até mesmo por aqueles que têm vontade de compreender.<sup>25</sup> E é verdade que Goethe deveria ter se estendido mais nos pormenores ou se expressado de modo mais determinado. Modos de pensar [*Gesinnungen*]<sup>26</sup> e caracteres, acontecimentos e ação, acaso e destino não são de modo algum, de acordo com o uso comum da linguagem, separados uns dos outros de forma tão contrastante que não possam, sem o refletir próprio e já praticado sobre esses temas, ser facilmente confundidos.

Até agora não ouvi nenhum juízo significativo sobre o décimo volume das *Horas*. No entanto, a *Elegia* causou uma grande impressão em algumas pessoas, até mesmo em pessoas bastante comuns.<sup>27</sup> Por outro lado, já ouvi o *Conto* ser criticado várias vezes.<sup>28</sup> As pessoas reclamam que ele não diz nada, não tem significado, não é engraçado etc., em suma, que ele não é picante, e as pessoas não têm senso para um jogo leve e belo da fantasia. De modo geral, acho que também aqui nosso antigo juízo foi

---

<sup>24</sup> Aqui Humboldt dialoga com a tese schilleriana acerca da expressão da beleza moral enquanto graça, tal como desenvolvida no ensaio *Sobre graça e dignidade*, escrito na primeira metade de 1793, portanto, antes da publicação do *Meister*. Segundo Schiller, a bela alma seria aquela que, dentre outros atributos, se manifesta no plano do fenômeno com a mais perfeita graça, cuja ação moral é marcada pela harmonia entre sensibilidade e razão e cujos movimentos (físicos e morais) são realizados com leveza. O próprio Schiller fez uma crítica ao sexto livro nesses termos na carta a Goethe de 17 de agosto de 1795.

<sup>25</sup> A diferença entre o romance e o drama se encontra em WM V, 7.

<sup>26</sup> *Gesinnung*: o termo pode admitir diferentes traduções, tais como "disposição", "atitude" e "mentalidade", todas elas se referindo de alguma forma à capacidade de se efetivar algo pensado, por vezes ligado a questões morais, sobretudo se considerado a partir da filosofia de Kant.

<sup>27</sup> Trata-se de uma elegia escrita e publicada, sob o simples título *Elegie*, por Schiller no volume 10 das *Horas*. Posteriormente foi publicada sob o título *O passeio (Der Spaziergang)*.

<sup>28</sup> Trata-se do conto maravilhoso escrito por Goethe e publicado sob o título *Märchen*, no mesmo volume 10 das *Horas*, como continuação e finalização da coleção de novelas emolduradas *Conversas de emigrantes alemães (Unterhaltungen deutscher Ausgewanderten)*. O *Conto* e as *Conversas* foram publicados na ocasião de maneira anônima.





confirmado. As pessoas leem muito pouco. A maioria apenas olhou e folheou. Na verdade, todo mundo lê só o que precisa para seus próprios escritos.

Alexander já retornou de sua viagem e está de volta a Bayreuth.<sup>29</sup> Ele me visitará aqui em fevereiro. Eu espero que você o veja em Jena. Ele aproveitou muito bem sua viagem e encontrou coisas muito interessantes que são relevantes para a cosmogonia e a geogenia. Eu ainda me ocupo em paralelo, e sem que isso tome muito do meu tempo, com leituras fisiológicas e de história natural. Especialmente agora, ao escrever sobre a força vital, é tão desinteressante ver que tipo de filosofia prevalece nas cabeças dos médicos que eu também gostaria de aconselhá-lo a ver algo do gênero nas horas vagas. Então, eu gostaria de recomendá-lo o seguinte como antípodas que não devem passar despercebidos: *Patologia* de Hufeland e a primeira parte do *Arquivo de fisiologia* de Reil.<sup>30</sup> Passar bem! Ainda tenho várias cartas para entregar hoje. Adeus! Mil saudações a Lolo,<sup>31</sup>

Seu  
Humboldt.

### 3 A Goethe em Weimar

Erfurt, 24 de novembro de 1796<sup>32</sup>

*Erfurt, 24. 9.br. 1796.*

Quando cheguei aqui ontem não encontrei o Sr. von Wollzogen.<sup>33</sup> Os negócios impediram-no de ir ele mesmo buscar sua esposa, e agora ele pede que ela vá para lá sozinha. Neste caso, eu já havia

---

<sup>29</sup> Alexander von Humboldt (1769-1859), naturalista e irmão mais novo de Wilhelm. Alexander retornou a Bayreuth em 20 de novembro após sua viagem de vários meses pela Suíça e norte da Itália.

<sup>30</sup> *Ideias sobre patogenia e a influência da força vital na origem e na forma de doenças como uma introdução às preleções patológicas (Ideen über Pathogenie und Einfluß der Lebenskraft auf Entstehung und Form der Krankheiten als Einleitung zu pathologischen Vorlesungen)*, escrito pelo médico alemão Christoph Wilhelm Hufeland (1762-1836) e publicado em 1795, em Jena; *Arquivo de fisiologia (Archiv für die Physiologie)*, revista organizada pelo médico alemão Johann Christian Reil (1759-1813).

<sup>31</sup> Lolo: apelido de Charlotte, esposa de Schiller.

<sup>32</sup> *In: Goethe- und Schiller-Archiv*, 28/439, folhas 13 e 14; Humboldt, Wilhelm von. *Briefe Juli 1795 bis Juni 1797*. Band I-3. Hrsg. von Philip Mattson. Berlin, Boston: De Gruyter, 2017, p. 310-312.

<sup>33</sup> Ludwig von Wolzogen (1773-1845), General Real da Infantaria Prussiana. Era amigo de Schiller e conheceu Goethe, Wieland, Herder e a Grã-Duquesa Anna Amalia durante uma curta estadia em Weimar em 1794. Nessa ocasião, von Wolzogen decidiu, por vontade própria, alongar a sua estada em um dia para além do autorizado por seus superiores, atitude vista como ofensiva pelo regimento e que lhe rendeu uma prisão de várias horas em seu retorno. Posteriormente, ele voltou a Weimar e Jena diversas vezes. Humboldt grafou seu sobrenome com dois "l" na carta manuscrita, sendo que na realidade era com apenas um.





provisoriamente prometido acompanhá-la até Meinungen,<sup>34</sup> e por isso parto com ela amanhã para lá e só poderei estar novamente aqui no domingo de manhã. Ao mesmo tempo, isso atrasará toda a minha viagem de regresso a Jena, de modo que não será possível que eu esteja em Weimar antes de terça-feira e em Jena na quarta-feira.

Por isso, querido amigo, tomo a liberdade de perguntar-lhe se podemos adiar seu gentil convite de sábado para terça-feira ao meio-dia? Minha esposa, que amavelmente o saúda, está infinitamente ansiosa pela perspectiva de vê-lo novamente, e o Sr. von Burgsdorf de o conhecer pela primeira vez.<sup>35</sup> Estamos todos aguardando a terça-feira com impaciência redobrada, pois você me deu a esperança de também nos deixar ouvir seu mais novo produto.<sup>36</sup>

Li a carta de Körner sobre o seu *Meister*, a qual Schiller, até onde sei, lhe comunicou.<sup>37</sup> Parece-me pertencer a uma das raras apreciações espirituosas; a visão principal da obra é, a meu ver, concebida de forma muito correta. Mas não posso concordar com ele em alguns pontos individuais, muito menos quanto ao próprio caráter de *Meister*. Ele parece encontrar nele um conteúdo com o qual a economia do todo, como eu creio, não poderia subsistir, e, ao contrário disso, ele não encontrou suficientemente, como me parece, sua determinabilidade [*Bestimmbarkeit*] contínua sem quase toda determinação [*Bestimmung*] real, sua contínua aspiração para todos os lados sem força naturalmente decidida para um deles, sua tendência incessante para o raciocínio [*Raisonnieren*] e sua tibieza [*Lauigkeit*], se não devo dizer frieza, de sensação, sem a qual seu comportamento após as mortes de Mariane e Mignon não seria compreensível. E, no entanto, esses traços são provavelmente da maior importância para o romance como um todo. Pois são esses traços que fazem dele um ponto em torno do qual uma multidão de figuras [*Gestaltungen*] deve se reunir, que fazem dele um ser humano que eternamente ata os nós sem quase nunca desatar um por sua própria força. Mas isto, segundo a minha opinião, é realmente o elevado mérito que faz do *Meister* uma obra única entre todos os seus confrades, o fato de que ele descreve o mundo e a vida inteiramente como são, completamente independentes de uma individualidade singular e, precisamente por conta disso, abertos a toda individualidade. Em todas as

---

<sup>34</sup> Embora Humboldt tenha grafado no original "Meinungen" – que significa "opiniões" –, acredita-se que ele estivesse se referindo a cidade de Meiningen, no estado da Turíngia.

<sup>35</sup> Provavelmente Humboldt se refere ao mecenas Wilhelm Friedrich Theodor von Burgsdorf (1772-1822), o qual passou uma temporada em sua residência em Jena entre 1796 e 1797.

<sup>36</sup> Provavelmente o poema épico *Hermann e Dorothea*, o qual Humboldt posteriormente viria a se debruçar e escrever uma análise pormenorizada.

<sup>37</sup> Christian Gottfried Körner (1756-1831), jurista e grande amigo de Schiller. A referida carta é a de Körner a Schiller datada de 5 de novembro de 1796. No dia 18 do mesmo mês, Goethe a recebeu através de Schiller, o qual sugeriu e pediu autorização para publicá-la nas *Horas*. Goethe deu o aval no dia seguinte e, após leves alterações, Schiller a publicou em formato de recensão no décimo segundo volume de 1796 de sua revista. Após receber a presente carta de Humboldt, Goethe a enviou a Schiller em 26 de novembro de 1796 para que visse os comentários críticos do colega. Schiller respondeu Goethe na carta de 28 de novembro de 1796, onde expôs sua impressão sobre as considerações de Humboldt. Goethe enviou em 8 de dezembro de 1796 uma carta a Körner elogiando a resenha.



demais, mesmo as obras-primas desse gênero, tudo sustenta o caráter do protagonista por semelhança ou contraste. No *Meister*, tudo e para todos, e ainda assim cada indivíduo e o todo, está completamente determinado para o entendimento e para a fantasia. Por isso, todo ser humano reencontrará *seus* anos de aprendizado no *Meister*. Mesmo em situações completamente diferentes das que o *Meister* descreve, ele ensinará a desfrutar e utilizar a vida. Pois não são exemplos e casos individuais, é toda a arte e sabedoria em si poeticamente apresentadas; o poeta, para ser completamente determinado, compele o leitor a criar essa sabedoria para si mesmo, e o produto nesse último não tem agora outros limites que os de sua própria capacidade. O *Meister* tem um efeito produtivo na vida, no sentido mais elevado. É ruim que o título dos *Anos de aprendizado* não seja suficientemente observado por alguns e seja mal compreendido por outros. Os últimos, por isso, não consideram a obra como acabada. E de fato ela não é, se *anos de aprendizado de Meister* deveriam significar a *completa formação* [*Ausbildung*], *educação* [*Erziehung*] *de Meister*. Os verdadeiros anos de aprendizado terminaram, Meister agora interiorizou a arte da vida, ele agora compreendeu que para se ter algo um tem de agarrar e o outro tem de lhe sacrificar. E o que significa a arte de viver senão que o entendimento escolhe uma coisa e o caráter sacrifica o restante por ele? —

Mas escrevi a folha inteira, pois apenas queria dizer-lhe que nosso itinerário da viagem mudou. Perdoe-me, querido amigo, e caso terça-feira ao meio-dia não lhe seja conveniente, por favor, faça a gentileza de me avisar. Se não ouvirmos nada, iremos.

H.

Recebido em: 29/04/2024

Aceito em: 14/09/2024

Publicado em: 28/10/2024



## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. 2a Ed. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BERGHAIN, Cord-Friedrich (Hrsg.). *Wilhelm von Humboldt-Handbuch*. Berlin: J.B. Metzler, 2022.
- FLITNER, Andreas; GIEL, Klaus. Nachwort der Herausgeber. *In: HUMBOLDT, Wilhelm von. Werke in Fünf Bänden. II. Schriften zur Altertumskunde und Ästhetik, Die Vasen*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002, pp. 628-632.
- GILLE, Klaus F. „*Wilhelm Meister*“ *im Urteil der Zeitgenossen*: ein Beitrag zur Wirkungsgeschichte Goethes. Assen: Van Gorcum, 1971.
- GOETHE, Johann W. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister (=WM)*. Tradução de Nicolino Simone Neto. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GOETHE, Johann W. *Sämtliche Werke nach Epochen seines Schaffens*. Münchner Ausgabe (=MA). Band 14: Autobiographischen Schriften der frühen Zwanzigerjahre. Hrsg. von Reiner Wild. München: Hanser, 1986.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. *Gesammelte Schriften*. Band 14, Abt. 3,1, Tagebücher I (1788-1798). Ausgabe der Preußischen Akademie der Wissenschaften. Hrsg. von Albert Leitzmann. Berlin: Behr's Verlag, 1922.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. *Briefe Juli 1791 bis Juni 1795*. Band I-2. Hrsg. von Philip Mattson. Berlin, Boston: De Gruyter, 2015.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. *Briefe Juli 1795 bis Juni 1797*. Band I-3. Hrsg. von Philip Mattson. Berlin, Boston: De Gruyter, 2017.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre Schiller e o percurso de seu desenvolvimento intelectual. Tradução de Damião Esdras Araujo Arraes, Marco Aurélio Werle, Reginaldo Rodrigues Raposo e Robinson dos Santos. *In: SANTOS, Robinson dos (Org.). Compêndio Schiller - Schiller e a filosofia: cartas sobre a educação estética*. São Paulo: LiberArs, 2021, pp. 11-38.
- KÖRNER, Christian. G. Sobre Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister. *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, v. 27, n. 2, pp. 115-131, 2022. Tradução de Reginaldo Rodrigues Raposo. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v27i2p115-131>.
- KOOPMANN, Helmut. *Schillers Leben in Briefen*. Weimar: Hermann Böhlau, 2000.
- LAUER, Gerhard. Das Humboldtsche Bildungsideal. *In: HUMBOLDT, Wilhelm von. Schriften zur Bildung*. Stuttgart: Reclam, 2017, pp. 236-271.
- MAAS, Wilma Patrícia. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NOVAK, Richey A. *Wilhelm von Humboldt as a Literary Critic*. Berna: Herbert Lang, 1972.
- SCHILLER, Friedrich. *Schillers Werke*. Nationalausgabe (=NA). 1940 begründet von Julius Petersen. Fortgeführt von Lieselotte Blumenthal, Benno von Wiese, Siegfried Seidel. Hrsg. im Auftrag der Stiftung Weimarer Klassik und des Schiller-Nationalmuseums in Marbach von Norbert Oellers. 40 Bde. Weimar: Hermann Böhlau, 1943 ff.
- STEINER, Uwe. Wilhelm Meisters Lehrjahre. *In: WITTE, Bernd; SCHMIDT, Peter (Hrsg.) Goethe-Handbuch*. Band 3: Prosaschriften. Stuttgart; Weimar: Metzler, 1997, pp. 113-152.

